

PODCAST É CULTURA? PODER DA SEDUÇÃO, COM DONA ONETE

Roberto Romero:

Olá para você que está junto com a gente no podcast *É Cultura?* Sejam bem vindas e bem vindos ao segundo episódio da temporada sobre as fabulações do amor. E hoje a gente já chega embalado no ritmo do carimbó para falar de amor e música. Não sei se vocês concordam comigo, mas eu acho quase impossível falar sobre o amor e não pensar em música, sabe? Afinal, a gente não só fala muito de amor no nosso dia-a-dia, como a gente, sobretudo, canta sobre o amor. E eu acho muito curioso pensar que o amor seja esse tema tão privilegiado na música. Desde a nossa infância até a vida adulta, a gente vai sempre ouvir o amor aparecer em várias das canções que a gente escuta e canta por aí. E é bom lembrar que isso não acontece só na língua portuguesa. A gente encontra as canções de amor em várias tradições culturais. Elas estão presentes por exemplo em alguns cantos indígenas, como é o caso dos cantos Tolo, entoados pelas mulheres do povo Kuikuro, no Alto Xingu. Nesses cantos, vozes femininas celebram amores, amados e amantes em histórias que falam sobre saudade, falta, fuga, ciúmes... ou seja, temas muito parecidos com os que a gente também ouve em outras partes do mundo. Não é pra menos que vai ter sempre aquela música que estava tocando quando você se apaixonou por alguém e que te faz lembrar da sua história de amor. Ou então aquela música que te faz chorar e você quer ouvir para chorar ainda mais. E quando a música não traz alguma situação que a gente já viveu, ela vai pelo menos ajudar a imaginar, sonhar e falar possibilidades para as nossas próprias vidas. Sem contar as vezes em que uma canção nos ajuda a compreender e aprender com histórias vividas por outras pessoas. Mas eu não vou ficar aqui falando sobre isso sozinho. Então abra o seu coração porque hoje a gente vai ouvir e falar sobre música e amor com uma convidada muito especial.

No último episódio, quando a gente recebeu as psicólogas Ana Martins e Juliana Sampaio para falar de amor, a gente já pôde ter algumas pistas sobre como a música tem o poder de dar vazão aos sentimentos. Se você não se lembra, ouve só:

Ana Martins:

Acho que a música tem esse poder, né? De abrir as portas da emoção, né? A gente escuta uma música e às vezes eu tô lá assim, aconteceu alguma coisa mas eu ainda não consegui chorar, né? E aí parece que vem aquela música e abre a torneira, né? E aí eu consigo lavar a alma, eu lavo a alma, né? A gente parece que aterrissa também mais no próprio corpo, né? A gente arrepiá, fica quente, né, assim.

Roberto Romero:

Bom, e se tem uma pessoa que é boa em fazer o nosso corpo tremer com a música, é a nossa convidada de hoje: a querida Dona Onete! É até estranho para mim apresentar a Dona Onete, porque a música dela já incendiou tantas pistas de dança pelo Brasil que muito provavelmente essa não vai ser a primeira e nem a última vez que você vai ouvir a voz dela. Dona Onete é cantora e compositora, nasceu e vive no Pará e já rodou o Brasil e o mundo levando consigo todo o vocabulário e o calor do amor brejeiro, chamegado, sensual, amazônico e ribeirinho. Bom, eu poderia ficar horas falando dessa diva da Música Popular

Brasileira, mas ao invés disso, é melhor eu chamar ela para chegar aqui pertinho da gente. Dona Onete, que bom ter você aqui! Seja muito bem vinda.

Dona Onete:

Boa tarde meu querido, seja bem vindo também e eu sei que eu sou bem vinda para vocês.

Roberto Romero:

Com certeza, é muito bem vinda! Dona Onete, como eu vinha falando mais cedo, a música e o amor parecem mesmo que andam juntos, né? E grande parte das músicas que a senhora canta ou compõe são embaladas por esse tema do amor, da sedução, do chamego, do perfume, da atração... Então para começar a nossa conversa eu queria que a gente falasse um pouco desse universo para onde você nos transporta através das suas músicas e também sobre o próprio amor... Por que ele está sempre presente nas suas letras e canções?

Dona Onete

Olha, eu não sei cantar outra coisa. Porque toda minha música tem uma história no meio, por mais que eu não tenha vivido, outras pessoas também viveram. Uma história que me contam, um pedacinho, eu invento tanta coisa! E chego a fazer uma música. Então tudo para mim é motivo de cantar. De fazer. Mas não mudando o que eu sempre vejo. Vocês podem notar que o que eu ando fazendo é sempre com chamego, é sempre com uma coisa gostosa, um conselho. Eu sou demais conselheira nas minhas coisas. Por mais até que eu tenha ficado um pouco sem juízo alguns tempos atrás, agora o juízo eu estou colocando na cabeça dos outros. Você está entendendo? Mas eu vou cantando o amor. Porque eu fui envolvida desde criança com muitas histórias, sabe? Histórias bonitas, histórias de carochinha, acreditando em muita coisa. E se você acredita, teu coração quando você cresce, é amoroso. Criança que não ouviu uma história, não ouviu um conto bonito, que não ama animal, que não ama nada, no que ela se transforma quando vira rapaz? É aquela pessoa que o mundo pra eles ela não entende nada. Mas a pessoa que foi criada com amor de vó, com amor de mãe, amor de tio, amor de família, é outra pessoa. E eu me criei sem mãe né, desde 10 anos de idade eu não tinha mãe, eu não conheci meu pai que morreu muito cedo. Mas eu fui amada por muitos dos meus parentes. E quando eu não era eu me aquietava e Deus me consolava, Nossa Senhora, e eu ia passando. Venci muitas barreiras, mas é esse o coração que eu tenho. E é por aí que vai, Dona Onete navegando pelas maresias, pela maré baixa, maré cheia, maré de lança, ai eu vou embora. Eu sou uma canoazinha que vai a qualquer lugar.

Roberto Romero:

E é através dessa canoazinha que a gente vai sendo transportado pelo ritmo do carimbó chamegado que a senhora ajudou a popularizar em todo o país, que a gente é conduzido por vários rios do Pará e por várias figuras que habitam o imaginário popular ribeirinho em toda a Amazônia. E eu não poderia conversar com a senhora sem falar do boto e das histórias que envolvem esse personagem sedutor e tão famoso em toda a região que a Sra. eternizou na sua canção "Boto Namorador", que foi trilha da novela *A Força Do Querer*, que passou na Rede Globo e tudo mais. Inclusive a sra. costuma dizer que começou a cantar na beira do rio para os botos. A senhora pode contar mais para nós sobre essa figura do Boto e algumas de suas histórias ali nas águas do Maiauatá e tantas outras?

Dona Onete

Eu tenho a impressão que o boto é um personagem da história do Pará, da amazônia, muito forte, muito forte. Sabe-se que não era o boto que fazia certas coisas, que engravidava mulher, era o filho do patrão, que engravidava a mocinha. E quando a mocinha aparecia gestante o pai procurava o pai do filho dizendo "foi o boto! Ela foi lavar roupa no rio e não podia, ela estava menstruada." Aí pronto, a culpa ficava no nosso boto, coitado, que não tem nada a ver. Mas eu admito que ele é meio assim, atravessador de algumas coisas, porque eu vi muita coisa no interior, na canoa, ele andando com a gente atrás e alguém dizia: olha tem alguém mexendo aí na canoa. Sabe? Eu fiz a música sem pretensão nenhuma, porque eu tinha um grupo de dança em Igarapé Miri chamado Camarana. E cantando essa música quando eu fui visitar o rio que eu morava, o Rio das Flores, que é o rio dos meus encantos. E quando eu voltei eu prometi que nem que eu tivesse 90, 80, 70 anos eu ia namorar com o boto. Mas aí eu vim embora para Belém, nunca mais, depois morei em Igarapé Miri tantos anos e não tive contato com esses botos. Mas eu viajei com a Carla Joner lá do Rio Grande do Sul, ela veio fazer um trabalho comigo em Igarapé Miri, foi filmar.

Roberto Romero:

Para quem não sabe, Dona Onete foi tema de um episódio da série documental *Visceral Brasil - as veias abertas da música*, gravado em 2013. Com curadoria da Carla Joner, a série tem uma cena linda em que Dona Onete navega pelas águas do rio Maiuatá enquanto canta a música Boto Namorador. O vídeo pode ser encontrado no Youtube e no Vimeo. Vale a pena!

Dona Onete

E qual foi a minha surpresa, entramos no dito rio onde eu ia encontrar com o boto com meus 60 anos, a gente comprou o peixe, fez em maiauatá, almoçamos. Quando a gente voltou para o barco para vir para Igarapé Miri, qual é a nossa surpresa: três botos! Eu cantando num barco e os botos boiando. Tinha um boto que quase derruba minha filha, um boto malhado. Depois eles começaram a cercar o barco. O cor de rosa, que não tinha lá, o malhado e o tucuxi. Ai eu canto "é boto namorador nas águas do Maiauatá". Eles eram donos dali. E contavam quando eu era criança que eles dançavam na festa. Chegavam todo de branco, dançavam a noite inteira. Quando chegava uma determinada hora, eles sumiam. Ai ficava aquele comentário "da onde vem aquele moço? De onde é?" E as mulheres apaixonadas. E era assim, eu vi tanta lenda, tanta coisa.

Roberto Romero:

A senhora era a própria sereia, não é Dona Onete? Cantando e dançando com os botos. E eu queria aproveitar que a gente está falando sobre rios e os seres que habitam os rios, para chamar a Gabi, diretora presidente do BDMG Cultural para falar um pouco sobre o Festival Seres-Rios, que acontece em agosto no BDMG Cultural.

Gabriela Moulin:

É isso mesmo Robertinho. Bom, em primeiro lugar eu quero dar oi para a Dona Onete, e essas histórias incríveis que ela está contando para a gente, e também para todo mundo que está nos ouvindo. E já deixo avisado que de 2 a 10 de agosto vai acontecer o Seres-Rios Festival Fluvial. Vai ter rodas de conversas, mostra de filmes, artes visuais, música, cartografia, e muita coisa que a gente vai compartilhar sobre os rios com foco nas bacias dos rios Doce, Jequitinhonha e São Francisco. Vai ser tudo online e você vai poder acompanhar pela

plataforma criada especialmente para esse projeto. Enquanto agosto não chega, já acompanhe os preparativos do festival pelo instagram @seresriosfestival, que já está no ar. Vai ter muita novidade por lá, gente, acompanhem!

Roberto Romero

Legal demais Gabi, a programação está realmente incrível, recomendo todo mundo a acompanhar. Que bom que você lembrou de nos avisar aqui. E Dona Onete, eu queria propor agora que a gente desembarcasse dos rios da Amazônia para a senhora me guiar num passeio ali pelas docas de Belém do Pará. Para quem não conhece, é ali que fica o Ver-o-Peso, o famoso Veropa, que é simplesmente a maior feira ao ar livre de toda a América Latina. E a senhora, como boa paraense, parece ter um caso de amor com aquele mercado, que aparece em algumas de suas músicas como Feitiço Caboclo e No meio do Pitiú. E é ali mesmo, no meio daquele tanto de gente, daquela mistura de cheiros e sabores que a gente encontra as famosas bancas de cheiro e suas erveiras que são especialistas em diversos banhos, perfumes e chás que são uma verdadeira sensação no Pará. Eu queria então que a senhora contasse um pouco sobre isso para quem não conhece.

Dona Onete

O Ver-o-peso ficou no meio da cidade, né, uma coisa daquela, no centro da cidade, na Belle Époque, aquilo tudo veio de fora, o ferro veio da Inglaterra, não sei da onde. Mas o Ver-o-peso continuou Ver-o-peso, se modificou um pouquinho, mas o povo caboclo deixou ele do jeito que é para ser de caboclo. Você pode andar tudo chique aqui em Belém, mas quando chega ali no relógio, você vê umas casas bonitas daqui mas tem o Ver-o-Peso ali.

Roberto Romero:

Para quem não sabe, esse relógio que a Dona Onete está falando, é um relógio de 12 metros de altura que foi instalado em praça pública na década de 30. É um ponto de referência em Belém e fica bem perto das Docas do Ver-o-Peso.

Dona Onete

O ver o peso agora está chique, antes não era assim não. Parece talvez a Lapa do Rio de Janeiro, quando eu era criança. Tinha um lugar, até um certo pedaço a gente ia com nosso pai, mas de um certo pedaço a gente não passava. E hoje em dia passa todo mundo, foi se sofisticando. Está um pouco sofisticado demais. Você não é daqui do Pará, pelo seu andar, pelo seu jeito, você não tem nada a ver com caboclo daqui. Você vem visitar, você já foi nas banquinhas de cheiro, para conhecer o nosso perfume regional? Porque tem outros perfumes, mas começa com as nossas plantinhas cheirosas.

Roberto Romero:

E é por ali que você acha carrapatinho, agarradinho, chega-te a mim, chora nos meus pés, pega não me larga, faz querer quem não me quer e, eu não poderia esquecer, claro, do chá do tamaquaré. Queria que você falasse um pouco para a gente sobre o chá.

Dona Onete

Eu estava contando para a minha neta que quando eu deixei o meu marido, com 43 anos, uma senhora me chamou, já era 11:30, e disse para mim: “moça, venha cá”. Aí eu disse “não é comigo, porque eu tenho quarenta e tantos anos”. Ela era a Dona Cheirosa, mãe da

Cheirosinha e ela disse assim para mim: “você vai voltar para casa hoje?” Eu disse “vou, eu moro em Igarapé Miri”, contei a história para ela. Ela disse “Minha filha, porque não vieste aqui comigo? Eu tinha feito uma coisa que seu marido não te largava nunca.” E eu já estava em uma outra história, e perguntei porque. Ela me mostrou uma redinha, tecida de crochê vermelha e branca, e um bichinho, um calanguinho dormindo lá, que embalava e ele ficava só piscando. Eu perguntei o que era, e ela disse “esse é o famoso tamaquaré”. Ai ela me mostrou em pó, me mostrou que botava na água, tudo. Ai eu disse “ah, minha amiga, agora eu já larguei mesmo, estou em outra”, estou bem”. Não tem quem vá no Ver-o-Peso e não leve um vidrinho, um cheiro daqueles. E eu não sei se dá verto, mas pelo que eu vejo, acho que dá.

Robertinho:

É, na dúvida é melhor usar, não é Dona Onete? E eu guardo uma lembrança miuto boa de quando a senhora esteve aqui em Minas Gerais em 2013, e a gente se encontrou no Festival de Inverno de Diamantina. Você fez um show maravilhoso numa noite de luar, com uma poltrona toda enfeitada. E eu lembro que você estava preparando o seu disco de bolero, que mais tarde saiu no seu álbum Banzeiro de 2016. E eu me lembro da senhora me contar, naquele nosso encontro, a história por trás de uma das músicas que eu adoro no disco que é Proposta Indecente, que conta justamente uma história de amor. Você pode contar para a gente aquela história?

Dona Onete

Eu saí de um casamento meio sem saber o que fazer com a minha liberdade. O que é que vou fazer com minha liberdade? De repente, tinha umas amigas minhas de movimento. Aí eu comecei a viajar e já me engajei na luta, porque eu queria mais era passear. Mas na luta, eu não me metia com ninguém, não namorei ninguém, entendeu? Mas era muito homem. Onde eu olhava era homem, de todos os lugares do mundo. E eu cantando, dançando. Então acabava tudinho lá no sindicato em São Paulo, e a gente ia para esse bar Brahma. Chegava lá já estava tudo pronto para eu cantar, e eu subia e tomava conta. Havia xaveco. Até que nesse dia de tanto me xavecarem, eu disse “Olha, eu vou voltar para o Pará”. Eu peguei um papel e fiz uma lista de 25 nomes, para jogar no bicho. O número que der aqui vai passar o inverno comigo lá no Pará, para esquentar meu pé. Depois de muitos anos eu estava lá na cidade do Mojú e me perguntaram quem ganhou a rifa. E eu disse, “bem que eu disse para ti que era uma proposta indecente”.

Roberto Romero:

E eu queria falar sobre uma música sua que recentemente me deixou particularmente emocionado, que é a *Sonhos de Adolescentes*... Nela, a senhora descreve os sonhos de dois jovens apaixonados e continua “mas veio a dura realidade/ mostrou que tudo é diferente / esmagaram nossos sentimentos / mataram os sonhos da gente”. Essa frase, ouvida hoje, me bateu de um jeito diferente... Porque eu imagino a senhora que dedicou a sua vida à educação e também ao ensino da história, em um país que trata tão mal a sua história, as suas raízes e a sua memória. Sonhou com um outro país e agora também vê esse país e o mundo tomando rumos muito diferentes. Então eu queria também te perguntar, Dona Onete, lembrando aquela frase cantada por Elis Regina: “O que foi feito de tudo que a gente sonhou?” e como o amor pode nos devolver essa capacidade de sonhar?

Dona Onete

Eu tenho que dizer para você que o sonho da gente só acaba quando a gente se vai. Não é proibido a gente sonhar. É a única coisa que não proíbe. Porque está aqui, é seu coração, com a sua cabeça. Se você sonha, continua sonhando, porque é a única coisa que você tem seu. Eu era muito sonhadora, e acreditei nos meus sonhos. Desde o período que eu me casei, que eu fiquei ali com meu marido, eu continuei estudando. Mesmo meu marido não querendo, eu estudava. Porque quando ele me deixou eu já era mulher... Não dizia que eu era aculturada de tudo. Não, minha cultura não é monumento. Como história para mim é válido. Agora, como vida, é o que você pisa, é o que você come, é o que tu é, é o que você valoriza na sua terra, entendeu? Você pode estudar não sei aonde, mas é aquela a tua história, a tua base. E o que vale para nós é a base que teu pai te deu, é a base que minha avó me deu. Felicidade está tão próximo da gente, meu amor, que alegria saber que está tudo bem na nossa casa e que o nosso café da manhã é aquele café.

Roberto Romero

E agora, infelizmente, para a gente encerrar, como o programa é sobre o amor, queria que a senhora falasse sobre essa palavra, esse sentimento, essa força que o amor tem para nos curar, nos tornar pessoas melhores.

Dona Onete

O amor é o melhor remédio. A caridade. Sabe? Se por no lugar do outro. Esse é o maior dos remédios. Perdão, se você tem condições de perdoar, que nem todo mundo tem, né? São as melhores medicações, são os tônicos. Nós não estamos acreditando, com tudo o que está passando, o Brasil como está, estamos acreditando que vamos vencer essa situação, que a gente vai sair dessa. Se todo mundo pensar assim, deixa, e quem não quiser acompanhar que não acompanhe. Mas a gente vai caminhar não é? A vacina vai chegar para todo mundo, se Deus quiser. A consciência vai ser outra, eu espero que seja outra. Espero que meu Brasil um dia possa sorrir de felicidade. Viva a liberdade, que a gente possa dizer as coisas, ouvir, falar.

Roberto Romero

Viva Dona Onete, fico sem palavras para te agradecer. Foi bom demais te ouvir!

Dona Onete

E vou te dizer uma coisa, vou deixar aqui uma história de amor: “meu curió cantador/ cantava na minha janela/ para uma curiola bonita/ fazia alvorada pra ela/ mas um dia da gaiola/ a curiosa se soltou/ voou, voou, voou, voou”

Robertinho

Um beijão pra você, Dona Onete! E depois desse presente que a Dona Onete nos deixou, a gente fica por aqui enquanto esperamos o nosso próximo encontro, na semana que vem, com o Pastor Henrique Vieira. Eu sou Roberto Romero, e este foi o podcast *É Cultura?*, um podcast do BDMG Cultural em parceria com o Micrópolis.

